



# DEFESA DE Espinho

DIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO F. GAIO

SUBDIRECTOR (INTERINO): ANTÓNIO A. SANTOS

ANO 44 / N.º 2238 / 1 DE MARÇO DE 1975 / PREÇO 2\$50

## MEDO, DE QUÊ?

No tempo que vivemos, deparamos a todo o instante, acerca da situação do país, com interrogações e atitudes que vão da aparente indiferença e da desilusão até um pessimismo agressivo que se traduz em acusações ao Governo Provisório, aos partidos da esquerda e ao povo que não tem educação nem está preparado para a liberdade que há-de deitar tudo a perder.

Se é certo que muitas destas pessoas são receosas, se mostram algo desorientadas, pela falta duma visão objectiva dos acontecimentos, a verdade é que para além da falta de esclarecimento político está a instabilidade provocada pelo medo de que os interesses venham a ser afectados. E alguns há que só de ouvirem falar em socialismo e comunismos sentem tal pavor que a palavra democracia mais parece uma praga, mostrando bem as marcas de quase meio século de mentira, de propaganda anti-subversiva, anti-isto e antiaquilo, mas nunca contra os grandes interesses disfarçados de benfeitores e ungidos por bênçãos.

No entanto, muitos dos descrentes de hoje, após o choque da revolução de 25 de Abril, que não os surpreendeu, está claro, porque como diziam aos amigos com ar sabedor, tudo isto estava pôde a pedir reforma, aderiram de imediato à liberdade e desataram a falar de democracia, com um calor e uma ciência, como se não tivessem sido outra coisa toda a vida.

Assim foi no princípio, em que tudo foram cravos vermelhos e o «Grândola Vila Morena», apelo à fraternidade, ecoava com alegria nos corações.

Depois, com o andar dos tempos, pas-

sando-se além das marchas bonitas e das palavras, para a prática duma liberdade desconhecida, agravaram-se os contrastes sociais. Os comerciantes e industriais mormente os pequenos e os médios, foram obrigados a dialogar com os seus trabalhadores, em termos que nunca tinham sonhado, o que trouxe mal-estar e azedume, diante os cravos vermelhos, já muito murchos, e da mensagem do «Grândola», cada vez mais desafinado (para eles).

Tinham esquecido, quando deram vivas, que a democracia política não faz sentido se não coexistir com a democracia económica.

O tempo das vacas gordas, para os mais habilidosos e os menos escrupulosos, os mais bafejados pela sorte e os mais capazes de explorar o trabalho do próximo, chegara ao fim. Bom seria que a inteligência e o senso comum iluminassem os despeitados, mostrando um caminho novo nas relações entre patrões e empregados. Mas a realidade do nosso país mostra-nos uma engrenagem cheia de empresários que, na maioria, nunca ouviram falar em «preços de custo», entrando em conta com uma remuneração de trabalho compatível com um nível de vida decente, que bem avaliámos a desorientação e o desespero de muitos.

A agravar este quadro devemos referir excessos em determinados sectores operários que, sem abdicarem dos seus direitos e aspirações, poderiam defendê-los em termos mais correctos quando fosse permitido o diálogo justo e sério e sem provocações.

(Continua na página 2)

## Cara nova e não só

Esta «Defesa» anda cheia de novidades! Agora é um novo cabeçalho. Não há dúvida que esta gente nunca está bem com a vida que tem. Está claro que a alteração do cabeçalho, por si só, não quer dizer grande coisa. Estamos fartos de coisas que mudam de aspecto exterior, para melhor disfarçarem o que vai por dentro. Não é bem esse o caso aqui. A nova cara é um símbolo: de um novo espírito, de uma diferente forma de trabalhar, de uma outra forma de encarar o nosso papel como jornal. Se é certo que «quem vê caras não vê corações», não é menos certo que «pela aragem se vê quem vai na carruagem». E a nossa carruagem pede novas vias, pois as velhas já não servem. Nós e os leitores as saberemos encontrar.

A. S.

## Uma nova forma de ser político

«A política é uma...» palavra de cinco letras. «Não te metas em política, meu filho». «Trata da tua vida e deixa lá a política para os outros». «Os políticos são todos iguais».

Estas são algumas das afirmações que, em termos simples, têm definido, ao longo dos anos, a posição da maioria dos portugueses ao ouvirem falar em Política. Muitas mais se poderiam encontrar, todas elas conducentes a uma conclusão: a política é, pelo menos, tão má como a peste. Podemos, pois, interrogar-nos sobre a forma como foi possível inculcar esta mentalidade a um povo? Quem são os culpados desta traição consentida ao espírito crítico, à liberdade de pensamento e expressão? Que razões têm justificado que «aquilo que diz respeito ao governo da cidade», tal é o significado original da palavra, passasse a ganhar no espírito das pessoas a proporção de pecado mortal contra qualquer mandamento desconhecido?

Qualquer classe social que atinge o poder trata imediatamente de se impôr às restantes classes por todos os meios ao seu alcance. Estes meios variam enormemente e podem ir, consoante as necessidades, ou os fins imediatos a atingir, desde a manipulação mental, a deturpação ideológica, numa palavra, o obscurantismo generalizado, até à prisão, à deportação, ao assassinato. Pondo de lado a análise das atitudes de coacção física, passemos a analisar brevemente as outras.

A política foi encarada neste país, durante gerações, como uma coisa mal-cheirosa, suja, onde chafurdam indivíduos mais ou menos corrompidos e que se dedicam fundamentalmente à defesa dos interesses pessoais e da «camarilha» de que fazem parte. Esta era uma noção popular, que podemos considerar realista, dado o ambiente social e político que pretendia classificar, a qual era, aliás, «carinhosamente»

consentida, pois tal visão do «mundo da política» levava as pessoas a afastarem-se, enojadas, o que, evidentemente, muito convinha a quem não sentia tais vómitos, antes, se perfumava prodigamente com as vantagens do poder. E para ajudar mais ao quadro, os que se sentiam bem nesse ambiente político davam-se ares de pessoas importantes, inatingíveis, feitas, quem sabe, de massa diferente da dos restantes mortais. «Eles» eram a política, e «eles» viviam em Lisboa, em locais vedados ao acesso das pessoas vulgares. Por outro lado, de vez em quando mostravam «as dificuldades de governar» e, quando necessário, encarregavam os seus esbirros de provar fisicamente como era perigoso, irracional, idiota, as pessoas «meterem-se em política». «Eles» lá estavam para tudo o que fosse preciso.

E para melhor enganar o povo (sempre que pronunciaram esta palavra devia dar-lhes vontade de levar ao nariz um requintadamente perfumado lenço) apareciam em público muito bem vestidos, falando com palavras escolhidas, pausadamente e com majestade, lendo papéis a que atribuíam a importância de decisões de vida ou de morte, e tudo isto com um ar superior, muito digno, de quem estava a fazer um favor e queria que o agradecessem. Sacavam dos papéis e (re)produziam um palavreado demagógico, em que era difícil encontrar qualquer lógica, mas que era por muitos aceite como verdade irrefutável, destinada a ser lavrada, para a posteridade, em alguma lápide de chafariz a inaugurar. Numa palavra: defendiam os seus interesses, os da classe que representavam no governo, «estavam-se nas tintas» para os problemas e dificuldades dos restantes (que, por acaso, até eram a esmagadora maioria) e tentavam, por todas as maneiras, evitar que as pessoas se

(Continua na pág.ª 2)

José Almeida Martins, estudante:

«Não por ordem de importância, mas pelo que me vou recordando, há o problema do trânsito, que é de uma anarquia total; outro, será a actividade cultural, que pouca participação tem por parte da população de Espinho, principalmente no que respeita à actividade da AAE; há ainda os problemas da habitação, que são do conhecimento geral; as actividades desportivas, em que se nota pouca participação, principalmente a nível das camadas jovens, em que os pais deviam ter uma importância muito grande, ao levarem os filhos a tomar parte na prática desportiva.»

Acácio Alfredo Casimiro, profissional de futebol:

«Em primeiro lugar, acho que deveriam existir umas passagens de nível mais adequadas ao trânsito da cidade, na medida em que os automóveis fazem bichas intermináveis; vemos ainda que a passagem subterrânea não resolveu absolutamente nada, já que as pessoas continuam a passar pela rua 23, e acho que o fundamental seria uma passagem para carros o mais breve possível, na medida em que o trânsito aumenta. Outro problema será o do Hospital, que me parece

(Continua na pág. 2)

## INQUÉRITO

## ESPINHO E OS SEUS PROBLEMAS

Como os nossos leitores já devem ter reparado, a nova «D.E.» está fundamentalmente interessada no levantamento dos vários problemas que afectam a nossa cidade. Doutra modo, estaríamos a alhear-nos de problemas reais e de inegável interesse para a vida da nossa comunidade. Como já aqui foi dito, teremos de ser detonadores públicos, teremos de levar até à população de Espinho tudo o que poderá, em princípio, estar errado, e também o que porventura poderá estar certo.

E na continuidade desta linha traçada, que fomos para a rua, e pusemos a cinco pessoas a seguinte pergunta:

«QUAIS SÃO, EM SEU ENTENDER, OS PROBLEMAS MAIS GRAVES DE ESPINHO?»

Eis as respostas que obtivemos:

Manuel António Silva (Sancebas), técnico de vendas:

«Quanto a mim, o primeiro problema de Espinho é o caminho de ferro, que aliás já tem demorado tempo de mais a ser resolvido. Outro, será o da habitação, um problema enorme e que abrange todo o País. Há também o problema da praia, que é imperioso; referente a isto,

acho que aqui talvez pudessemos seguir o exemplo da Póvoa, que há dias conseguiu a resolução das obras do Porto de Leixões, o que, ao fim e ao cabo, é uma defesa, e muito mais para Espinho.

O caso dos acessos a esta cidade é também de ver porque, quanto a mim, a avenida Espinho-Granja, a Marginal mesmo, havia necessidade de ser feita o mais rápido possível, para que aquela praia a norte, muito embora não seja Espinho, fosse mais frequentada e houvesse melhores acessos. A variante para Miramar, para que não andemos nas curvas e buracos, é outro assunto a ver, e que até parece impossível não ter sido ainda visto. É lamentável, até.»

Fernando Cadete, técnico industrial:

«Espinho é, na verdade, e deve continuar a ser, uma terra turística; por isso deve ser dada prioridade à praia, para se terem estruturas que nos possibilitem, de futuro, ter uma praia condigna. Seguidamente, acho que as colectividades devem, durante a época balnear, e não só, desenvolver a sua actividade desportiva e cultural, de maneira a desenvolver a juventude (nossas e a que recebemos). E, para já, parecem-me os problemas mais importantes.»



# Espinho e os seus problemas

(Conclusão da 1.ª pág.)

mais um hospital de aldeia do que de cidade, na medida em que nunca há camas, nunca há um certo número de requisitos, o Serviço de Urgência é, a todos os títulos lamentável e indesejável para uma cidade. O problema da utilização mais racional e frequente dos Pavilhões desportivos é também premente. Agora, talvez o maior problema de Espinho seja o da praia. Porque, eu pergunto: Espinho é centro turístico, em quê? Foi centro turístico. É apelidado Rainha da Costa Verde, e eu agora não vejo porquê! A praia principal está a ir cada vez mais para norte e, qualquer dia temos praia na Granja. Para o Sul, julgo que não haverá hipóteses e, a havê-las, talvez já não seja nem para os meus netos. Temos, pois, de constatar que já não há praia e, não havendo praia, não à turismo. Temos aí um Hotel magnífico, que na maior parte do ano está às «moscas». A Piscina também não está bem... Penso ainda que deveríamos fomentar a pesca porque além de ser um atractivo turístico, é o ganha-pão de muita gente. A alimentação da população também seria melhorada, mais sã, na medida em que o peixe de Espinho era, como sabemos, fresquíssimo e de óptima qualidade. Finalmente, o urbanismo. Acho que todos os prédios à beira-mar, estão a precisar de ser demolidos e em seu lugar serem edificadas novas que dêem, além de um aspecto mais agradável, um melhor acesso a habitações para alugar, que hoje em dia é um grave problema.»

Lusitano Gil, comerciante:

«Problema de Espinho, e de primeira

ordem, é, para mim, o do mar, que nos dá motivo a julgar que no futuro não teremos praia, não teremos areal. Outro ainda, será o pontão, a passagem para automóveis que venham do Norte para cá; não há dúvida que é extremamente necessário, e, segundo penso, está já mais ou menos em vias de ser uma realidade. Há muitos males, que assim de repente, não serel a pessoa mais indicada para responder.»

Após ouvirmos estas cinco opiniões, concluímos que o problema mais focado é o da praia. De facto, se quisermos que Espinho seja eminentemente turístico, esse será o problema principal já que, de praia, podemos dizer que temos uma amostra. Mas isto se quisermos um Espinho-Turístico...

Os acessos são, sem dúvida, um problema importante e que já vem de longe. Parece-nos inadmissível que a nossa cidade tenha umas entradas tão más...

Está no nosso pensamento ocuparmos-nos, brevemente, e com maior profundidade deste momentoso problema.

Dos nossos cinco entrevistados, apenas dois puseram na linha das suas preocupações o problema cultural, o que justifica o que nos disse José Martins, ao afirmar que a população pouco ou nenhum apoio dá ao Espinho-Cultural.

O problema da habitação também foi abordado. A ele já nós temos dado certa atenção e a ele voltaremos logo que necessário se torne.

Muitos outros problemas poderiam ter sido levantados. No entanto estes parecem-nos ser os que afligem a maioria da nossa gente. Bom ou mau? Os leitores o dirão.

N. B.

# Medo, de quê?

(Continuação da 1.ª pág.)

Desajustamentos e excessos a reben-tarem pelas costuras duma sociedade condenada, serão o preço da aprendizagem e significado real de se viver em democracia. É neste preço do 25 de Abril que todos devem meditar, e procurar compreender uma revolução que perderá o seu nome se não se conseguirem as metas sociais que se pretendem atingir.

Será que as dificuldades de hoje e a possível austeridade dum plano económico, serão preço elevado para se conseguir a democracia que a maioria deseja e merece?

Terá de ser feito um esforço sincero, mormente por aqueles que terão de sacrificar privilégios e que não devem esquecer, ao sair das igrejas, de trazer cá para fora, para a vida iluminada por um sol que é de todos, a bondade do cristianismo. Porque se assustam tanto quando se fala em via socializante e se dizem cristãos? Será que a fraternidade estará só nas es-molas?

Uma breve meditação, num momento de pausa, sobre a vida e a morte, chegará bem para se saber que nada justifica as prepotências do dinheiro e os abusos da ambição, quando tudo se sepulta nalguns palmos de terra, sem casas, sem palácios, e as heranças se consomem e se dissipam no entrecruzar da gerações.

Se a via socializante, e não discutimos aqui sistemas, após tantas voltas que o mundo tem dado, se afirma como uma possibilidade real de criar um homem novo, porquê tanto medo?

Acreditamos na desorientação de alguns bem intencionados, embora se reconheça terem já tido tempo para se informarem, mas não nos enganemos com os que pintam o presente, carregado das cores mais negras, criando e expandindo boatos, tentando desesperadamente manter situações privilegiadas.

No desencontro dos boatos, a pequena e a média burguesia, correm o risco de se deixarem ludibriar pelos grandes interesses, devendo estender as mãos aos trabalhadores e às classes mais desfavorecidas, unindo-se no interesse comum.

Se estamos todos com boas e firmes intenções de se conquistar a democracia, não será, dentro da realidade actual, com viragens bruscas e com a violência que ela será alcançada, restando ainda, segundo julgamos, difícil caminho para se chegar, com o acordo da maioria, à via socializante.

Compreender a revolução é tarefa ur-

**DEFESA DE ESPINHO**

**SEMANÁRIO**

---

**FUNDADOR**  
BENJAMIM COSTA DIAS

---

**REDACÇÃO**

ALEXANDRE FALCAO  
FAUSTO NEVES  
JOSÉ JOÃO MAIA  
JOSÉ PINTO  
MORAIS GAIO  
NUNO BARBOSA  
VITOR SOUSA

---

**PROPRIEDADE**

EMPES — EMPRESA DE  
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

---

**Redacção e Administração**  
RUA 19 — N.º 62  
TELEFONE, 921525  
AVENÇADO

---

**Composição e Impressão**  
OFICINAS GRÁFICAS DA  
CASA NUN'ALVARES  
Rua de Santa Catarina, 630  
PORTO

gente. Os industriais terão de se integrar numa mentalidade nova, reformando ideias e processos, reconvertendo, se necessário, os sectores das suas indústrias, para satisfazerem novas exigências, ao mesmo tempo que os operários, dentro da justiça, terão de se impor também pelos seus méritos e pela qualidade de trabalho.

De mãos abertas esquecendo um passado que não voltará, e com a decisão consciente da construção dum mundo novo, os receios não têm razão de existir.

Medo, de quê?

Só se for da fraqueza de ânimo dos que não souberam defender um ideal e forjar uma verdadeira fraternidade, numa nação forte, independente e feliz.

António Gaio

## Plenário do Sindicato dos Caixeiros e Empregados de Escritório

Efectuou-se, no passado dia 22, pelas 21,30 horas, mais um plenário do sindicato dos caixeiros e empregados de escritório a que compareceram cerca de noventa trabalhadores e cuja mesa era constituída por cinco elementos da direcção do Sindicato e dois delegados, respectivamente José Adriano, Jorge Gonçalves, Guimarães, Henrique Ferreira, Castro Lima e Vasco Serra.

Encetada a reunião, o presidente da mesa referiu a não necessária comparação de qualquer elemento ligado ao patronato, seguindo-se depois para uma análise da actual situação sindical frizando o apartidarismo duma organização exclusivamente ao serviço da defesa dos trabalhadores.

Depois de várias considerações referentes a uma acção mentalizadora dos trabalhadores e a uma união a nível de classe no prosseguimento das justas reivindicações, abordou-se o tema principal deste plenário onde se considerou o caso específico de Espinho, terra de médio índice comercial, e a necessidade dum alargamento de âmbito ainda não homologada pelo Ministério de Trabalho.

Face à questão da não aceitação do patronato na negociação das cláusulas referentes a remuneração e a horário de trabalho, resolveu-se enviar telegramas para o Ministério do Trabalho com o fim de obter uma rápida homologação do problema.

Foi nomeada uma Comissão de Trabalhadores que actuará junto das Comissões, já formadas, de S. João da Madeira e Ovar, tentando obter assim uma via mais ampla e objectiva na resolução de questões sindicais.

No fim do plenário a D.E. trocou impressões com Vasco Serra, (V.S.), membro da direcção do Sindicato e delegado sindical.

V. S. — A direcção sindical não poupará os esforços humanamente possíveis para levar a cabo a resolução tomada pelo plenário. Este contrato de trabalho não é mais do que a justiça a que os trabalhadores têm

direito. É de notar que a entidade patronal negociou o contrato em onze concelhos do distrito de Aveiro e nos outros sete concelhos, que por sinal são os que possuem o comércio mais desenvolvido, portanto mais capaz para satisfazer as nossas reivindicações, recusou-se a negociar as cláusulas referentes a horário e remunerações, que são as mais importantes.

D.E. — Qual a posição do Sindicato em relação aos pequenos e médios comerciantes?

V.S. — O Sindicato reconhece que existem determinados pequenos e médios comerciantes que não têm, pelo menos de imediato, possibilidades de satisfazer as reivindicações dos trabalhadores, mas considera ao mesmo tempo que a culpa é deles, pois não souberam nem envidar esforços no sentido de desenvolver um trabalho associativo que lhes permitiria obter melhores condições económicas e poder remunerar justamente os trabalhadores. Entretanto o Sindicato considera que esta foi mais uma tentativa reaccionária por parte do patronato para regatear as regalias sociais a que temos direito nomeadamente condições condignas de trabalho e um acordo colectivo que nos assegure essas condições.

D.E. — Qual é a posição do Sindicato face à Intersindical?

V.S. — O Sindicato considera que só através da criação de sindicatos fortes e verticais se poderá conseguir uma série de vitórias e de regalias para toda a classe, principalmente para os mais desfavorecidos. Só a união dos trabalhadores numa acção conjunta poderá melhorar a sua situação de explorados, por tudo isto vamos aderir à Intersindical.

Devemos acabar com os patrões que enriqueceram durante tantos anos e enriquecem à nossa custa.

Por mim, como delegado sindical, não pouparei esforços como nunca poupei e darei tudo por tudo para conseguir a melhoria das condições da minha classe.

Laura Gaio e José Mala

## Uma nova forma de ser político

(Continuação da 1.ª pág.)

tornassem conscientes da situação em que se encontravam. Será preciso indicar nomes?

E temos que reconhecer que frases como aquelas que transcrevemos no início são prova de que conseguiram o que queriam. De facto, durante anos e anos, a política foi um bicho de sete cabeças, um «te arrengado demónio» pronunciado com voz trémula e gestos de esconjuro: as pessoas foram vencidas por um forte sentimento de medo e horror sendo levadas a abastardarem a sua actividade como cidadãos. Fiquem os exemplos, e muitos foram, que serviram de semente ao futuro melhor que agora desponta.

Hoje, já todos compreendemos que não há razão para encarar a política da mesma maneira que se fazia há uns meses. A cada passo ouvimos dizer que a política é de todos e isto não são afirmações gratuitas, é a descoberta de uma verdade de La Palisse mas que custou a surgir aos nossos olhos. Como política consideramos agora a nossa actividade diária. Cada vez isto nos parece mais evidente e com esta descoberta cresce neste povo renascido a vontade de encontrar novamente razões válidas para lutar, para «dar o corpo ao manifesto» sem ser apenas para assim prestar serviço a meia-dúzia.

Essa descoberta fizeram-na em primeira mão os homens do 25 de Abril. É por isso que mergulham junto ao povo, procurando identificar-se com as suas dificuldades e entender os seus anseios para melhor o ajudar. É por isso que ligada a esta nova visão da política aparece uma nova linguagem, despida de ornamentos, sem o uso de uma demagogia fácil, menos preocupados que estão em mostrar e mais em ser, defendendo, por dura que seja, uma política de verdade. Os artifices da nova política não olham o povo do alto, nem precisam de descer até ele pois sabem que são o próprio povo. Não falam com

palavras ambíguas, não constroem frases rebuscadas, mas trazem o coração junto à boca e falam com a dureza e a intransigência de quem defende uma causa justa e que por ser justa, por defender os interesses da tal maioria tão desprezada, corre ainda grave risco de liquidação às mãos daqueles que não se dispõem facilmente a ceder vantagens conquistadas.

O exemplo mais flagrante da nova forma de encarar a política, da nova forma de ser político é o Brigadeiro Vasco Gonçalves. Quando Vasco Gonçalves fala «com a gente», faz grandes gestos nervosos e se se agita e quase berra isso não é para assustar, não é para ameaçar que nos vai comer a todos (sim, que isso de acreditar que se comem pessoas ainda é uma ideia muito espalhada...), é porque está comprometido com o que diz, é porque sente profundamente a justeza da posição do MFA, é porque quer que todos entendam — é por querer acordar os que ainda andam por aí a dormir um sono de séculos, como mortos-vivos, apostados em se alhear da vida, sem destino assumido com consciência.

A. S.

## XADREZ

A Secção de Xadrez da Associação Académica de Espinho, dentro da sua linha de orientação essencialmente dirigida à divulgação do xadrez, promoverá, a partir da próxima semana, um Concurso de Problemas, que se prolongará por 10 semanas. O envio das soluções, por bilhete postal, à nossa secção, na sede da A.A.E., habilitará os concorrentes à atribuição de alguns prémios.

O regulamento geral deste concurso será publicado já no próximo número, juntamente com o problema n.º 1.



# NOTÍCIAS DA CIDADE

# Agenda

## CONTINUAM AS BICHAS...

Sexta, sábado e domingo da passada semana, nova bicha, muita bicha se formou à entrada do Cinema do Casino. Desta vez, não para «Pecados inconfessáveis...» ou quejandos, mas para «Os malucos no Supermercado». O que nos leva a concluir que, desde que cheire a sexo ou a fantochadas à «Les Charlots», é inevitável a corrida às bilheteiras. O que nos leva ainda a concluir que algo está errado. Não por culpa das pessoas, mas de quem as obrigou a serem, durante anos, «continentes e moderadas», em suma «puras» enquanto certos ministros e outras figuras grandes faziam bacanais em Cascais e outros sítios mais... E, presentemente, por culpa de quem explora, conscientemente, esses desejos recalcados. Quando é que os distribuidores cairão em si?

Mas, preparemo-nos para o que está para vir: lembrem-nos que já está anunciado o «Você interessa-se pela coisa?»! Para este, talvez seja melhor a Empresa do Cinema do Casino ir pensando em alugar um dos Pavilhões Desportivos. À cautela...

N. B.

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 13/75

Faz-se público que se encontra aberto segundo concurso público pelo prazo de 20 dias, a contar do dia seguinte ao da publicação do presente edital no Diário do Governo para a execução da empreitada da obra de «Ampliação do Mercado Municipal de Espinho».

Base de licitação ..... 140 050\$50  
Depósito provisório ..... 3 500\$00

As propostas devem ser enviadas pelo correio em carta fechada e lacrada de forma a serem recebidas até ao último dia do prazo de 20 dias atrás mencionado e a sua abertura terá lugar na primeira reunião ordinária da Câmara que se realiza após o termo do prazo pelas 15 horas e trinta minutos, e perante a Câmara reunida.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa do concurso, projecto, caderno de encargos e demais condições especiais encontram-se patentes todos os dias úteis e durante as horas de expediente na Secretaria desta Câmara Municipal, onde poderão ser consultados.

Só serão admitidos como concorrentes os titulares de alvará de empreiteiro de obras públicas da categoria ou classe correspondente ao valor da proposta.

Espinho e Paços do Concelho, 24 de Fevereiro de 1975.

O Vice-Presidente da Comissão Administrativa,

Artur Pereira Bártolo

## Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho  
Tudo para Fotografia e Cinema

RETRATOS  
RELOJOARIA

Rua 8 N.º 645

ESPINHO

## INDICADOS OS CANDIDATOS DO MDP/CDE, EM AVEIRO

O M.D.P./C.D.E. apresentou no passado dia 19 a lista dos respectivos candidatos às eleições para a Assembleia Constituinte, sendo assim, o primeiro partido a revelar os nomes dos prováveis deputados, concorrentes em todos os círculos eleitorais.

São seus candidatos pelo Distrito de Aveiro:

Pompílio Carlos Sotto, 31 anos, técnico fabril, Ovar.

Manuel Afonso Strecht Monteiro, médico, Vila da Feira.

Adão Pinho da Cruz, 37 anos, médico, Vale de Cambra.

Jalme Rodrigues Machado, 53 anos, veterinário, Avelro.

Alvaro Seica Neves, 54 anos, advogado, Avelro.

António da Assunção Tavares, 36 anos, operário metalúrgico, Vila da Feira.

Flávio Martins, 66 anos, agrônomo, Agueda.

Rolando Ferreira da Silva, 23 anos, estudante, Estarreja.

Almoro Viegas, 48 anos, economista, Oliveira do Bairro.

Manuel Freire, 32 anos, programador, Ovar.

Luís Carlos Gama Pereira, 35 anos, assistente da Universidade de Coimbra, Mealhada.

Joaquim Pinto Moreira da Costa, 48 anos, médico, Espinho.

Joaquim Lopes da Cunha, 53 anos, pequeno agricultor, Aveiro.

Angelo Barbosa Rezende Santos, 33 anos, pequeno industrial, Oliveira de Aze-  
méis.

De salientar entre estes deputados do Movimento Democrático Português em Espinho, o ex-director deste jornal, conceituado médico espinhense, Dr. Moreira da Costa.

## NOMEADO O JUIZ DA COMARCA DE ESPINHO

Acaba de ser nomeado juiz de Direito para a comarca de Espinho, o sr. dr. José da Silva Paixão, magistrado que desde há alguns anos vinha exercendo as funções de inspector da Subdirectoria da Polícia Judiciária do Porto, estando à frente da 5.ª Secção daquela Polícia.

Entretanto, este cargo passou agora a ser desempenhado pelo inspector sr. dr. Alfredo Teixeira — a quem coube a investigação do célebre caso-Pavão.

## DO HOSPITAL

Movimento de 18-2-75 a 25-2-75

Internamentos Gerais	70
Exames Radiográficos	169
Crianças Nascidas	18

## Intervenções Cirúrgicas

Urologia	6
Ortopedia	2
Oftalmologia	3
Otorrino	11
Cirurgia Geral	10

## Serviço de Urgência

Homens	212
Mulheres	180

## Internados entre outros

Bento Pinto de Andrade, para Cirurgia, de Espinho.

## Agradecimento

MÁRIO PINTO DE ALMEIDA

A Família muito reconhecida e sensibilizada, vem por este ÚNICO MEIO agradecer a todas as pessoas amigas que se incorporaram no funeral do querido extinto, ou que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar.

## PELA P.S.P.

Os diários nortenhos tinham tornado público que um indivíduo não identificado dolosamente procedia a um pedido intitulado de em benefício dos Bombeiros Voluntários de Coimbrões, corporação a que era totalmente alheio. No passado dia 18 acabaram-se-lhe as «humanitárias» actividades pois um agente da P.S.P. desconfiou de um «fulano» de bata branca e distintivo de bombeiro de 1.ª classe que andava pelas nossas ruas. Assim, deteve-o e veio a identificá-lo como o tal desconhecido revelado na imprensa portuense. Desde modo João Manuel Martins Pinto de Sousa, residente na rua Luis de Camões, s/n.º, em Aveiro, foi entregue ao Tribunal de Espinho, para prestar contas dos «tostões» tão inocente e abnegadamente arrecadados.

★

No passado dia 21, António Alves Barbosa, que mora em Estrada, Anta, interpelado por um agente da P.S.P., desobedeceu-lhe. Não contente com esta atitude, tentou agredir o guarda, que não teve outro remédio senão dar-lhe ordem de prisão, de que resultou a sua entrega ao Tribunal.

★

No dia 25, no Tribunal da Comarca, Elísio Gonçalves da Silva, residente em Pousadela, Nogueira da Regedoura, foi condenado a 15 dias de prisão, imposto de justiça, indemnização ao agente da P.S.P. que o capturara, beneficiando, pelo seu comportamento anterior, de suspensão de pena por dois anos. Este foi o resultado de ter desobedecido e resistido ao guarda que o abordara.

## INCÊNDIO

Cerca do meio dia da passada terça-feira, os Bombeiros Voluntários Espinhenses tiveram que prestar os seus serviços para extinção de um incêndio que lavrara numa fábrica de papel existente na Quinta da Cardelha, Monte, São Paio de Oleiros, que pertence a D. Inês da Cunha Sampaio Maia Castro. Uma vez que a fábrica não está em laboração, o incêndio é de origem criminosa, sem que no momento se conheçam os seus autores. As máquinas ficaram inutilizadas e ardeu grande parte do edifício. Há altos prejuízos, que não estão cobertos pelo seguro.

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 14/75

Artur Pereira Bártolo, vice-presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público, que esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de hoje, deliberou abrir concurso para a ocupação e exploração do Pavilhão Municipal número 4, na Avenida 8, destinado à cabine Sonora, no período de 1 de Junho de 1975 a 31 de Maio de 1976.

As condições para este concurso encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal todos os dias úteis, dentro das horas normais de expediente e as propostas terão de ser entregues até às 17 horas e trinta minutos do dia 11 de Março, próximo, em envelope fechado e lacrado e com a indicação do concurso a que se destinam sendo abertas na reunião ordinária desta Câmara, dessa data.

E, para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, e publicado no Jornal Defesa de Espinho.

Espinho e Paços do Concelho, 24 de Fevereiro de 1975.

O Vice-Presidente da Comissão Administrativa,

Artur Pereira Bártolo

LEIA E ASSINE "A DEFESA"

## FARMÁCIAS DE SERVIÇO

1.º TURNO

Hoje, sábado — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telefone 920092.  
Amanhã, domingo — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telefone 920092.  
Segunda-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telefone 920352.  
Terça-feira — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telefone 920331.  
Quarta-feira — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telefone 920250.  
Quinta-feira — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telefone 920092.  
Sexta-feira — GRANDE FARMÁCIA, rua 62 n.º 457 — Telefone 920082.

## CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 1 — CINTURÃO NEGRO CONTRA A MAFIA, com Tim Kelly e Gloria Henry — 14 anos.

Amanhã, domingo, 2 — POR AMOR OU A FORÇA, com Carlo Giuffré e Michele Mercier — 18 anos.

Terça-feira, 4 — COM OS OLHOS TORTOS DE MEDO, com Enrico Montesano e Isabella Biagini — 10 anos.

Quinta-feira, 6 — PAIXÃO, com Liv Ulman e Bibi Anderson — 17 anos.

Sexta-feira, 7 — O ESTRANGULADOR DE VIENA, com Victor Buono e Franca Polesello — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 1 — VOCE INTERESSA-SE PELA «COISA»? — com Muriel Catala e Nathalie Delon — 18 anos.

Amanhã, domingo, 2, segunda-feira, 3, terça-feira, 4, quarta-feira, 5, e quinta-feira, 6 — VOCE INTERESSA-SE PELA COISA?»

Sexta-feira, 7 — AEROPORTO 1975, com Charlton Heston e Karen Black — 13 anos.

## NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

André Filipe, filho de Fernando António Moreira Cadete e de Maria Hermínia Ferreira Silva Cadete;

Fernando André, filho de Fernando Joaquim Oliveira Pinto e de Maria Andrea Carneiro Alvarez Pinto.

## CASAMENTOS

NA IGREJA DE GRIJÓ:

António Manuel Reis dos Santos com Maria Odete Rodrigues Alegre.

## FALECIMENTOS

HERCULANO MARQUES DE LEMOS

Após prolongada doença, faleceu no passado dia 14 do corrente, na sua residência em Albergaria-a-Velha, o sr. Herculano Marques de Lemos, comerciante, de 83 anos de idade, casado com a sra. D. Cecília Ribeiro de Lemos e pai das sras. D. Maria Emilia Ribeiro de Lemos, D. Alda Marques de Lemos e do sr. Albérico Marques de Lemos, e sogro do sr. Joaquim Ferreira Dias, nosso estimado assinante nesta cidade.

MÁRIO PINTO DE ALMEIDA

No passado dia 22, faleceu nesta cidade o sr. Mário Pinto de Almeida, de 83 anos de idade, ferroviário reformado.

O extinto era pai da sr.ª D. Maria Etelvina Nunes de Almeida e do sr. Mário Luís Pinto de Almeida, ausente no Brasil e irmão das sras. D. Isaura Pereira da Silva e D. Adelaide Almeida.

As famílias enlutadas endereçamos as nossas sentidas condolências.

## Compra-se

Edifício com área coberta de 1.000 m2 para indústria nesta cidade. Telefonar para 921001



# FIM DE FEIRA

Acabou a Feira do Livro. Acontecimento inédito em Espinho, esta iniciativa da Secção Cultural da A.A.E. produziu talvez um certo impacto na população, quer pela feira em si, quer pela oportunidade de uma série de realizações culturais nela integradas. Durante 3 semanas foi possível ver livros de diversos assuntos, escolher, comprar a preços mais acessíveis. Foi possível contactar com o livro de maneira mais próxima e mais familiar. Foi ainda, a par disto, possível assistir a um colóquio sobre este tema, a uma mesa-redonda sobre aquele, a um recital, a um espectáculo de teatro forjado pelas gentes da nossa terra.

Passada esta vindima, é hora de lavar os cestos. É tempo de reflectir, de analisar, de tirar conclusões. Sim, porque o que aconteceu não foi comercial venda de livros. Para isso há as livrarias. Foi algo mais, e algo realizado por uma Secção CULTURAL, que trabalha numa certa linha e com determinados objectivos. De cada trabalho é preciso aprender.

Falámos, a este propósito, com a equipa da Secção Cultural da A.A.E. mais directamente encarregada da Feira.

## COMO NASCEU A IDEIA DE ORGANIZAR UMA FEIRA DO LIVRO EM ESPINHO?

— Houve, antes de mais, a intenção de trazer o livro para mais perto das pessoas, o livro barato e escolhido com um mínimo de critério. Alguém dizia: «Aqui na Feira pode-se entrar à vontade, a gente vê e mexe, se quiser leva, se não quiser não leva. Não é tão fácil para nós entrar numa livraria...».

É de considerar ainda a relativa importância do livro como difusor de cultura, como meio de informação e formação a diversos níveis. Agora em Portugal podemos ler, podemos encontrar livros com interesse, pensar e discutir, discordar e aprender um pouco. E sobretudo, agora as pessoas são mais e mais chamadas a desempenhar o papel que sempre deveriam ter tido, um papel responsabilizado e actuante. O livro pode ajudar neste processo.

Finalmente, tentámos criar uma oportunidade para levar a cabo realizações relacionadas com o livro e cultura. Cá estiveram vários partidos e várias pessoas capazes. Tudo isto, claro...

## ...INTEGRA-SE NA ORIENTAÇÃO DA SECÇÃO CULTURAL?

— Exactamente. A Secção trabalha numa certa linha, trabalha por uma cultura progressista e popular, realmente ao serviço de quem a merece. Não uma cultura de salões para alguns, de portas fechadas, mas uma cultura de rua, que se deseja próxima daqueles que nada costumam ter próximo. Não vamos dizer que tudo isto sobressaiu de modo exemplar na Feira do Livro. Haveria muitas carências e defeitos a apontar. Entretanto foi uma 1.ª experiência, pequena, ambiciosa dentro das suas medidas. Foi um apalpar terreno. Além disso, a nossa capacidade de momento não daria talvez para uma organização muito maior. No futuro, as coisas poderão ser diferentes, mais conformes aos nossos desejos.

## OS OBJECTIVOS A ATINGIR COM A FEIRA FORAM DE FACTO ATINGIDOS?

— Se tivermos em conta a resposta anterior, julgamos que sim. Embora limitados, decidimos lançar-nos. Quanto à difusão de livros (em que sobressaiu tremendamente o de temática política), pode considerar-se que foi um êxito enorme. As pessoas realmente acorreram. E encontraram os livros baratos que queriam (ou podiam) comprar. Esses foram os mais vendidos. Escusado dizer que este foi um êxito «cultural», digamos, mas de modo nenhum comercial. Não era, porém, o lucro que nos guiava...

## PORTANTO, BOA ACEITAÇÃO DO PÚBLICO

— Sim, de um modo geral muito boa. Não faltou, claro, quem considerasse aquilo a pior coisa do mundo, quem lá encontrasse apenas um livro bom de entre os talvez 500 expostos. Mas em geral as pessoas aderiram.

Quanto às camadas trabalhadoras, nas quais pensámos ao escolher os livros, talvez não as tenhamos atingido com toda a força possível. É natural. Mesmo sabendo ler, não estão acostumadas a comprar livros. E se o pão escasseia, não há dinheiro para mais. Além disso não fizemos, como já disse, o máximo para nos aproximarmos delas. Estivemos na «baixa» da

# ACADÉMICA DE ESPINHO — NOVA DIRECÇÃO, — NOVO RUMO (2)

Concluimos hoje a transcrição da entrevista concedida à «D.E.» pelo novo Presidente da Direcção da AAE, Jorge Nicolau da Costa Monteiro (J.M.), onde ele nos dá conta dos seus projectos para o corrente exercício directivo.

## «ENTENDO QUE NO ASPECTO DESPORTIVO ESTAMOS A SEGUIR UM CAMINHO ERRADO.»

D.E. — Encaremos agora a actividade desportiva da Académica.

J.M. — Entendo que no aspecto desportivo estamos a seguir um caminho errado, pois acho que o Clube deveria dedicar a todos os seus atletas uma educação física, a par do aspecto competitivo. Se pusermos de parte a competição ou a deixarmos para segundo plano, eu, por mim, aprovo isso. O fundamental é darmos uma educação do movimento, que ponho em paridade com a actividade cultural. Agora, dou um carácter prioritário à actividade cultural em face dos moldes em que é encarado, hoje, o desporto. O aspecto competitivo é, quanto a mim, alienante; aliás, posso citar um exemplo: no Porto, durante um jogo de basquetebol na categoria de Iniciados, houve dois desmaios de atletas — um desmaiou porque a sua equipa ganhou, outro porque a sua equipa perdeu! Isto está errado. Este tipo de desporto tem de ser eliminado. Nunca se poderá encerrar o Desporto como a vontade de superar os outros.

D.E. — Portanto, a partir de agora, parece que o conceito de desporto, na AAE tem de ser revisto...

J.M. — Exactamente. Aliás, a Académica é um Clube que tem boas possibilidades para tal, uma vez que não tem Secção de Futebol, que toda a gente sabe o que é. A grande maioria dos sócios não é por a AAE poder oferecer uma competição de elevado nível. São, portanto, em princípio, pessoas que poderão aceitar essa viragem.

## VOLTANDO AOS SÓCIOS...

D.E. — Quanto aos sócios, o número que existe é satisfatório?

J.M. — Atendendo àquilo que a Académica actualmente pode possibilitar, o número é razoável. Se atendermos ao que ela pede em troca, o número é mau — uma quota de 10\$00 mensais é insignificante. Lamentável é o número de sócios que não pagam quotas. Nós temos sócios que vão no n.º 1600, salvo erro, e embora o ficheiro não seja renovado há bastante tempo, há cerca de 800 que não pagam quotas. Este ano vamos tentar junto do sócio que deixou de pagar quotas, a sua reintegração, sem aumento de encargos.

## ...E AO SEU RELATIVO DESINTERESSE

J.M. — É de lamentar que o nosso sócio se interesse pela competição, e não se interesse pela prática desportiva. Eu cito um exemplo: num jogo de hóquei em patins, se aparecer uma equipa como o Futebol Clube do Porto ou outra semelhante, a participação do público é enorme; se, em contrapartida, assistirmos a um jogo da mesma modalidade em categorias mais

idade. Não fomos para as zonas suburbanas (esse Espinho desconhecido...), não fomos para os locais de trabalho, não descentralizámos. Deveríamos tê-lo feito? Sem dúvida. Foi uma grande carência. Mas para a 1.ª vez não foi possível.

## MUITAS DIFICULDADES PARA A ORGANIZAÇÃO DA FEIRA?

— Algumas, algumas!... Para começar, com os livreiros, cuja posição compreendemos. Os livros são o seu ganha-pão. Mas como afinal vieram a compreender, a Feira não queria fazer-lhes concorrência. Era pequena e bastante especializada, durou apenas 3 semanas, era muito mais ambiciosa do que mera venda de livros, era realização cultural, não tinha intuídos comerciais. Os livros eram baratos, os que dão menos lucro. Queríamos ganhar apenas para as despesas. É provável que os próprios livreiros lucrem: talvez alguns agora iniciados no livro queiram continuar. Ora ao longo do ano irão à livraria. Entretanto há algo importante: é preciso promover o livro, difundir-lo, trabalhar por ele. É preciso pôr o livro com interesse ao pé das pessoas. Aquele dizia: «Numa livraria não se entra com o mesmo «vontade». Pois seria bom que se entrasse e que houvesse boas razões para isso...

jovens, ou mesmo de voleibol, vemos uma bancada deserta. Portanto, vemos daqui que ao sócio, mais do que a prática desportiva, é a competição que o entusiasma. Há mesmo pais de atletas que nunca apareceram no Pavilhão para verem o seu filho praticar desporto. Em contrapartida, há indivíduos que só lá vão para verem o sr. X entrar duro ao sr. Y, a ter comportamentos pouco desportivos.

D.E. — Parece então que também é necessária uma educação desportiva para os sócios. Como se poderá fazer isso?

J.M. — A nível do Voleibol temos em mente a realização de colóquios e mesas-redondas com a finalidade de educar o sócio, que podem servir tanto para o voleibol como para qualquer outra modalidade. Tem também por finalidade cultivar o próprio atleta, no sentido de eliminar certos defeitos de que ele enferma. Pretendemos, pois, eliminar esses males, esses cancro, e fornecer-lhes um conceito mais realista do que é o desporto.

## A SECÇÃO CULTURAL E A CAMPANHA DE DINAMIZAÇÃO DO MFA

D.E. — Voltando, rapidamente à Secção Cultural e ao Grupo de Teatro, sabemos que ele tem estado a trabalhar integrado na Campanha de Dinamização Cultural do MFA. Ora isto poderá pressupor um «divórcio» de Espinho, já que, salvo na passada semana, eles têm trabalhado fora de Espinho. Qual é a ideia que tens do papel da Cultural dentro da Campanha do MFA?

J.M. — Acho lógico que o Grupo de Teatro trabalhe com o MFA, porque, englobado num programa muito mais vasto, o seu trabalho é mais válido. E iríamos ser egoístas se exigissemos que a Secção Cultural actuasse unicamente em Espinho. Se formos um pouco interesseiros, até vamos ver que a actividade da Cultural fora de Espinho vai ter vantagens para nós, porque é uma expansão do nome da Académica. A Campanha de Dinamização é de apontar e acho que, uma vez terminada, a Secção Cultural da AAE deve continuá-la, dentro das suas possibilidades.

## «É ALTURA DE DEIXARMOS DE ENCARAR A RESOLUÇÃO DOS PROBLEMAS DUM CLUBE COMO ESPECÍFICA ATRIBUIÇÃO DA DIRECÇÃO DO MESMO!»

D.E. — De tudo o que acima ficou dito, pode-se depreender que a AAE irá entrar numa nova fase... Certo?

J.M. — É de facto isso que está nos meus planos. Mas, para tal, um ano é muito pouco. E para conseguir, pelo menos, alinhar isso, vamos ter de mobilizar todos os bem-intencionados. Pelas últimas Assembleias, constatamos que parece haver um entusiasmo crescente pelos interesses da AAE; e parece ser a melhor altura de aproveitar esse entusiasmo, no sentido de libertar a Direcção para reformas de fundo. Está mesmo nos nossos planos formar Comissões de Trabalho para vários fins e desviar assuntos, de interesse para o Clube, da Direcção para essas Comissões.

D.E. — Formar uma espécie de Grupos de Apoio que funcionarão paralelamente à

Direcção, tirando-lhe parte dos encargos tradicionalmente atribuídos à Direcção do Clube...

J.M. — Precisamente. Aliás é altura de deixarmos de encarar a resolução de problemas dum Clube como específica atribuição da Direcção do mesmo! Esses problemas não são sobrenaturais. Por isso eu também pretendia fazer a divisão da Direcção em Grupos de Trabalho. Cada Grupo resolveria problemas específicos.

Convém também lembrar que às reuniões da Direcção, qualquer associado tem acesso, pode intervir, e até agradeceremos que o façam, o que é sempre útil. Gostaria também de ver nessas reuniões os Chefes de Secção, porque muitas vezes acontece estarmos a discutir assuntos relativos a uma determinada Secção, sem que o seu representante lá esteja. Ora isto está errado...

## OS ATLETAS TERÃO DE TER DIREITO A VOTO

D.E. — Para terminar, há mais algum aspecto que queiras salientar?

J.M. — Há pouco, quando falámos no problema da revisão dos Estatutos, passou-me um pormenor flagrante e de um anacronismo impressionante: é inadmissível que uma colectividade 100 % amadora como é a AAE, os Estatutos não prevejam o direito a voto por parte do atleta. O atleta, ao fim e ao cabo, é o suporte da Académica. Ela poderá sobreviver sem sócios e com atletas; agora, sem praticantes é que não vive. Não é sequer uma regalia que se lhes vai dar: é um direito!

D.E. — ...um direito que lhes foi sempre negado!

J.M. — Exacto. Foi negado e é altura de se rever.

D.E. — Parece, pois, que a partir de agora, a AAE vai entrar numa via mais dirigida aos seus associados e menos à prática competitiva.

J.M. — Creio que será isso, embora tenha a fazer um reparo. Isto foi uma lista que surgiu sem a existência de um Programa. Portanto, tudo o que eu aqui afirmei não é um Programa; é, isso sim, uma ideia pessoal que penso pôr em prática com a colaboração de todos, e creio que todos estarão dispostos a fazê-lo. Claro que a equipa pode falhar.

D.E. — Mas se foi dito que o poder directivo iria ser descentralizado, haverá muito menos possibilidades de falha...

J.M. — Certamente. Mas se uma Comissão de Apoio está a trabalhar e vê uma Direcção desinteressada, é normal e justo que abandone toda a sua actividade. Porque se os principais responsáveis não têm responsabilidades, não vão ser os componentes das Comissões de Apoio que as vão ter!

D.E. — Poderemos, pois, dizer, como conclusão, que é necessária a colaboração de todos, Direcção e Associados, para se conseguir levar a cabo o que se pretende.

N. B.

Muitas das Editoras não nos responderam sequer. Vendo em risco de falhar esta iniciativa, salvou-nos a Cooperativa Livraria UNICEPE, de onde veio talvez a maioria dos livros. Mas isso só foi possível por não nos interessar essencialmente o lucro: os livros eram lá comprados com 20 por cento de desconto e vendidos na Feira com os mesmos 20 por cento.

Outra dificuldade: a Secção Cultural. Uma organização destas é realmente complexa. Exige trabalho e... pessoas. Ora não há muitas pessoas. A Feira do Livro realizou-se com muito custo da nossa parte. Oxalá da próxima vez haja bastante mais gente, bastante mais trabalho, para termos a capacidade que desejaríamos ter e assim melhor atingirmos os nossos objectivos.

## AS PESSOAS ACORRERAM TAMBÉM AS REALIZAÇÕES INTEGRADAS NA FEIRA DO LIVRO?

— Ai a coisa muda um pouco de figura. Como já a «Defesa» noticiou, o 1.º colóquio (com um escritor como Papiniano Carlos) teve 1 (um) assistente. As coisas foram melhorando, e sobretudo as mesas-redondas seguintes tiveram grande participação. Porquê? Porque versavam temática política directamente, porque havia partidos políticos. Ora é pena que as pes-

soas ainda não vejam (e com razão, intencionalmente) próximas dos seus interesses concretos coisas como teatro, poesia, literatura. E mesmo o conteúdo político destes temas pode ser tão grande como a outra «política», a política de partidos, governo, eleições, etc. Poesia, teatro e outras manifestações culturais são também política, e por isso igualmente essenciais. Têm também uma tarefa primordial a desempenhar na vida do homem e na sua luta de libertação. Nem toda a cultura, claro. Só a verdadeira, a cultura próxima da vida, próxima das pessoas e dos seus interesses muito concretos, próxima dos anseios e problemas, próxima da luta. É essa a cultura que a Secção Cultural da A.A.E. deseja levar às pessoas. Agora e no futuro. Por isso aconteceu esta Feira do Livro em Espinho. Para isso é preciso gente com vontade de trabalhar junto de nós.

Estas foram, claro, algumas das nossas conclusões. Agora cabe sobretudo às pessoas que visitaram a Feira tirar as suas. E mostrá-las. Só assim esta realização terá interesse. A Secção Cultural está francamente interessada em saber o que pensam disto as pessoas. Espera que elas digam.

(Continua na pág. 5)



## GRUPO DE TEATRO

Os dias 20 e 22 destinaram-se, respectivamente a um debate sobre o espectáculo teatral do dia anterior com alguns dos elementos do T.P.E. e a um recital de poesia que esteve a cargo de Domingos de Oliveira com a participação de Alexandre Falcão.

Não contaram estas realizações com o número de pessoas que seria bom registar, a primeira talvez por coincidir com a comunicação ao país do primeiro-ministro.

Algumas questões importantes foram levantadas no debate sobre o espectáculo acima referido, quer em relação ao sentido político e social do espectáculo, quer à sua realização. Disse-se então que qualquer dos entremezes foi adaptado e montado para sectores da população cuja a experiência teatral é o teatrinho da aldeia meramente accidental, às vezes inexistente, cheio sempre de farsa e de burlesco, mas totalmente despolitizado e paternalista como então convinha ao fascismo. O que se procurou fazer — continuou um elemento do T.P.E. — foi estudar e aproveitar as origens das práticas teatrais das aldeias circunvizinhas, muito ligadas a reminiscências do «teatro de cordel» a que pertencem os dois entremezes que compõem o espectáculo tal como foi apresentado em Espinho. Foi ainda esclarecido que, precisamente por isso, qualquer dos entremezes foi montado para servir de base a um diálogo com o público como tem sido feito em muitos espectáculos realizados. As representações têm então a função de motivar as pessoas e levantar problemas que depois do diálogo com o público possa esclarecer, de modo a conduzir a uma tomada de consciência em Paulo Freire designada por «consciencialização».

Mais especificamente e a propósito da representação no Teatro S. Pedro no dia 19, poderá concluir-se que o T.P.E. conseguiu, pelo menos, mostrar aos presentes que a Secção Cultural da A.A.E. tem um grupo de teatro inteiramente ao serviço da divulgação da cultura popular, de acordo com o processo revolucionário em curso. E por isso que, como acima se disse, o objectivo do T.P.E. é motivar as pessoas, incentivar o diálogo.

No programa vendido durante a sessão, encontramos verdadeiramente expresso o que pretendemos o T.P.E. com as «BOAS FAMÍLIAS», o espectáculo que nos ofereceu no dia 19.

«O teatro burguês é o reflexo do gosto e do próprio modo de se divertir da burguesia. Para o lisonjear. Para lhe dar prazer. Conta com o seu dinheiro e terá de ter o seu fausto. O teatro do povo é pobre de meios como o próprio povo. Nada de grandes cenários nem de grandes vestimentas. E, além de mais, como o próprio povo, revolucionário, demolidor. Analisa, crítica e satiriza, porque tem o desejo de mudar e não de conservar as coisas».

No recital de poesia foram ditos poemas de poetas modernos portugueses e estrangeiros que o fascismo procurou sempre silenciar e esconder. Poetas que colocaram a sua poesia ao serviço da resistência antifascista, fazendo dessa mesma poesia uma forma de lutar e de viver, contra uma literatura alienada e allenante.

Seguiu-se um breve diálogo à volta da função social da poesia e da arte, do conceito do gosto, e dos problemas da comunicação.

### Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.  
Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes  
Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.  
Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)  
Telefone de urgência 922329  
Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

### FIM DE FEIRA

(conclusão página anterior)

Podem fazê-lo directamente ou aproveitando as páginas da «Defesa». Ficamos à espera.

Estamos no fim. Portanto, para vós foi positivo?

— Sim, foi positivo.

D. E.

## A hora é de reconstrução Pais de alunos lutam por uma escola melhor

Como já frisou várias vezes o nosso Primeiro-Ministro, Brigadeiro Vasco Gonçalves, aos portugueses depara-se uma opção fundamental: estarem ou não empenhados na edificação de um novo Portugal. Se para os bem intencionados a questão é incontroversa, a verdade é que as boas intenções não chegam. Impõe-se um arregaçar de mangas, que permita arrostar com todas as dificuldades que constantemente nos defrontam na multifacetada vida nacional.

Particularmente, na educação, todos são poucos para travar uma batalha que poderá ter grande preponderância na guerra contra a mediocridade e o obscurantismo. Aos esforços a desenvolver pelas direcções escolares a todos os níveis, professores, outros trabalhadores e alunos, poder-se-á juntar uma força importante: os pais dos alunos, ou melhor, os «encarregados de educação». A necessidade da «institucionalização» desta nova frente tem sido suficientemente propalada, mas não tem tido uma resposta bem elucidativa. Apesar disso, têm-se desenvolvido, a nível restrito, algumas iniciativas originais que poderão servir de «Leitmotiv» para o novo processo a desenvolver.

Foi para existência de uma associação de pais a trabalhar na Escola Primária n.º 1 (Escola da Feira) que nos foi chamada a atenção, e como tal, lá nos dirigimos no último sábado, para melhor avaliarmos do interesse de uma iniciativa na qual adivinhávamos grande importância, não só pelos seus aspectos concretos, mas pelo significado que pudesse assumir. A primeira impressão foi francamente positiva: cerca de duas dezenas de pessoas ocupavam-se da restauração e limpeza de uma série de carteiras de uma das salas de aula e os fatos de trabalho que usavam eram bem a expressão da sua predisposição para esse trabalho.

Ao manifestarmos o intuito de sermos esclarecidos acerca da razão da sua presença naquele local, numa altura geralmente destinada a lazer, fomos prontamente atendidos.

São as declarações desses diversos pais de alunos que passamos a registar.

#### O ARRANQUE... E A INÉRCIA

«A iniciativa partiu do prof. Aires Guimarães, que, numa reunião de professores da escola e após ter sido escolhido para a sua direcção, ali mesmo declarou ter a intenção de fazer reunir os pais dos alunos. Assim foi feito e na primeira reunião apareceram cerca de 70 pessoas das 200 que para o efeito tinham sido convocadas. Foi nessa reunião que tudo isto começou. Foi posta à consideração das pessoas a necessidade de fazer alguma coisa pela escola. Para arcar com as responsabilidades surgiram espontaneamente apenas 20 pais, que desde então têm trabalhado juntos. São os que se encontram aqui, que, juntamente com o prof. Aires Guimarães, lan-

çaram mãos à obra, e desde então, têm actuado como um bloco.

As razões por que são tão poucas as pessoas que aderiram não podemos responder com segurança. Supomos no entanto que os motivos profissionais terão que ser levados em conta. Por outro lado, a inércia das pessoas também nos parece importante. Nunca fomos habituados a este tipo de iniciativas e não é facilmente que se mudam as mentalidades. Mesmo da parte de alguns professores, não tem havido apoio. Creio no entanto, que embora inicialmente sejamos poucos, os sucessos que possamos alcançar, mostrarão à evidência a viabilidade da iniciativa e as adesões começarão a aparecer. Entretanto, não vamos ficar de braços cruzados. Temos, de melhorar as condições de trabalho das crianças, que até já se pronunciaram acerca do que sentem. Neste recinto, que funciona como recreio, o lixo anda a rodos, com a chuva aparece a lama, no Verão há pó. Vamos criar um mínimo de condições para as crianças estarem aqui e ensinar-lhes as noções básicas da higiene que as deve rodear.»

#### MEDIDAS CONCRETAS

«O nosso propósito imediato é pôr a escola a funcionar. Tomamos desde logo a nosso cargo a limpeza que até aqui era feita pelos professores e alunos. Mas temos de garantir a realização regular desse serviço. Para esse efeito, fomos recebidos pela Comissão Administrativa da Câmara, que nos atendeu muito bem, pôs-nos tudo à disposição, mas foi incapaz de nos dar uma solução satisfatória no que se refere ao pessoal de limpeza. Já os professores tinham pedido a transferência de pessoal de limpeza para a escola. Essa transferência não chegou a fazer-se até à data. Escrevemos depois ao Ministro para pedir-mos uma auxiliar de limpeza. Estamos a aguardar.»

«Convocou-se uma nova reunião de pais, sempre com a presença do professor Aires, onde apareceram praticamente as mesmas 70 pessoas. Aí expusemos aquilo que já tínhamos feito e procurámos solução para o problema da limpeza. Tivemos que pedir auxílio, pois às pessoas que aqui estão, além de pregos, de cera, das máquinas ainda contribuíram com dinheiro. Nessa reunião recebemos novas contribuições, umas maiores, outras menores. Para além disto temos tido a colaboração de outras pessoas de Espinho, que nos cederam baldes e cestos de papéis, bidons para o lixo, cabides, etc.»

«A este problema geral, vêm-se juntar muitas outras, como por exemplo o dos sanitários, que podemos classificar de inadmissíveis. A Comissão Administrativa da Câmara diz que a escola deverá ser demolida, mas o que se sabe é que essa demolição já está programada há 15 anos. Não podemos esperar e temos de trabalhar

com o que há. E o que há é um edifício velho e desactualizado, mas que poderá desempenhar ainda o seu papel de modo mais satisfatório.»

Mas para melhor fazermos ideia do que precisamos fazer talvez seja melhor copiarem o plano que elaborámos.»

Plano de melhoramento a efectuar a curto prazo.

1) Melhoria e remodelação dos actuais sanitários pois não oferecem condições apropriadas para a utilização das crianças a que se destinam.

2) Aquisição de 2 bebedouros, pois os actuais não são funcionais (houve mas estragaram-se).

3) Instalação de uma caleira.

4) Colocação e substituição de vidros partidos.

5) Substituição da porta de entrada e outras.

6) Pintura e caiação interior sendo de considerar em último ponto o seu aspecto exterior.

7) Pavimentação do recreio.

8) Restauração das carteiras existentes.

9) Colocação de cabides e placas para afixação de jornais de parede, e um armário com apetrechos de primeiros socorros.

10) Colocação de uma rede de protecção no muro do recreio (lado Norte).

11) Aquisição de:

tapetes — (6);

cortinas pretas para projecção de filmes; cestos para papéis e baldes de limpeza; recipientes para lixo.

«Talvez esse plano seja demasiado ambicioso. Mas com boa vontade vai-se fazer o que for possível. Isto não implica muita verba, mas no entanto tem de contar com a colaboração da Câmara, que é indispensável e urgente. Aliás, o interesse da Comissão Administrativa pela iniciativa ficou já bem patente. Vamos ver se nas férias da Páscoa, vêm dar uma cobertura e caiação a esta escola, pelo menos exteriormente. Já não digo exteriormente, pois, infelizmente, cedo ficaria com o aspecto deplorável que hoje tem. Os «pinta-paredes» dever-se-iam lembrar que uma escola suja é o primeiro passo para a deformação das crianças que a frequentam e que deveriam ser habituadas à conservação do que é seu.»

D. E.

### PRECISA-SE

Rapazes dos 14 aos 16 anos para praticarem em serviços de armazém nesta cidade. Resposta a este jornal ao n.º 78

É vocação específica da

## ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DO NORTE

— UNIÃO DAS INDUSTRIAS DO NORTE —

herdeira das tradições da

### ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE

prestar assistência às pequenas e médias empresas.

Para isso tem agora organizados os seus Serviços de Relações Sociais e do Trabalho e de Estudos Económicos.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DO NORTE

R. Mousinho da Silveira, 228

PORTO

## O APOIO DA INDÚSTRIA DO NORTE



**ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS  
MÚTUOS FÚNEBRE FAMILIAR  
DE S. FRANCISCO DE ASSIS  
DE ANTA**

**ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA**

Convido os dignos consócios a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na sala das sessões do edifício social, sito no lugar e freguesia de Anta, no dia 16 do mês corrente, pelas 10 horas, a fim de se tratar da seguinte

**ORDEM DO DIA:**

Discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção e respectivo Parecer do Conselho Fiscal, referentes à gerência de 1974.

Se a Assembleia não puder funcionar naquele dia por falta de número legal de sócios, funciona com qualquer número, no domingo seguinte, dia 23, à hora e local supracitados.

A sessão será aberta uma hora depois da marcada.

Anta e secretaria, 1 de Março de 1975.

O Presidente da Assembleia Geral,

**Manuel Couto Rodrigues da Silva**

As contas e mais documentos encontram-se patentes na secretaria, todos os dias úteis, das 10 às 17 horas.

O Secretário da Direcção,

**Joaquim de Oliveira e Sousa**

**TRIBUNAL DA VILA DA FEIRA**

Pelo Tribunal Judicial desta comarca da Vila da Feira e 1.ª secção do 1.º Juízo, correm éditos de 10 dias, contados da publicação do último anúncio, citando os credores da massa falida, para no prazo de 10 dias posterior àquele dos éditos, contestarem, querendo, a acção para separação de bens que a firma «Auto-Comercial Ouro, Lda.», sociedade comercial por quotas, com sede à Rua Fernandes Tomaz, 71, no Porto, move contra os citandos e o administrador da falência de João António Ferreira da Veiga, casado, industrial, da Rua 20, número 1203, 2.º, em Espinho, de que esta é apenas sob pena de se ter por reconhecido o direito à restituição ou separação da massa da viatura de marca FORD ESCORT IE-50-19 e, consequentemente, a sua entrega à autora.

Vila da Feira, 6 de Fevereiro de 1975.

O Juiz de Direito,

**Manuel Pereira da Silva**

O Escrivão de Direito,

**Domingos da Silva Lopes Machado**

**JOAQUIM GOMES PEREIRA**

**Electricista de Automóveis**

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO  
Residência — Telef. 964194

**Aprendiza**

Para cabeleireira — Precisa-se

Resposta à Redacção ao N.º 75

**Vende-se**

**MAQUINA DE TRICOTAR  
KNITTAX**

Em bom estado

Falar Rua 29 n.º 859 — Espinho

**Cartório Notarial de Espinho**

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 17 de Fevereiro de 1975, lavrada de folhas 140 a 142 do livro de notas para escrituras diversas D-Número 8 deste cartório notarial de Espinho, os senhores JOAQUIM FERNANDO DOS SANTOS TAVARES, MARIA BERNARDINA TAVARES PEREIRA, DELFIM DOS SANTOS TAVARES e MARIA REGINA DUARTE FARIA, todos casados, os dois primeiros residentes nesta cidade de Espinho, na Rua Trinta, 788, e os dois últimos residentes no lugar de Esmojães, freguesia de Anta, deste concelho, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que passará a reger-se pelas seguintes condições:

**PRIMEIRA** — A sociedade adopta a firma «J. TAVARES & IRMAO, LIMITADA», tem a sua sede na rua Trinta, número 788, de Espinho e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

**Parágrafo único** — A sociedade vai possuir estabelecimentos industriais no lugar da sua sede e no lugar de Esmojães, da freguesia de Anta, do concelho de Espinho, podendo alterar a primeira e instalar estabelecimentos ou delegações conforme deliberação dos sócios, que poderão também deliberar o encerramento dos mesmos estabelecimentos.

**SEGUNDA** — A sociedade dedicará-se à indústria de malhas e confecções, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios deliberarem e seja consentido por lei.

**TERCEIRA** — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 5 000 000\$00, cabendo dele a cada um dos primeiro e segunda outorgantes uma quota de 1 500 000\$00 e a cada um dos terceiro e quarta outorgantes uma quota de 1 000 000\$00.

**QUARTA** — A gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios que entre si distribuirão as tarefas que a cada um competem.

**Parágrafo primeiro** — Para que a sociedade fique vinculada é indispensável a intervenção de qualquer dos gerentes Joaquim ou Delfim. Em caso de divergência ou dúvida prevalece a vontade do sócio Joaquim Tavares.

**Parágrafo segundo** — Os actos de mero expediente podem ser assinados por qualquer dos gerentes.

**Parágrafo terceiro** — A gerência poderá livremente confessar desistir ou transigir em qualquer pleito em que a sociedade seja interessada.

**Parágrafo quarto** — Fica absolutamente proibida aos gerentes a intervenção em nome da sociedade em quaisquer actos ou obrigações estranhos aos negócios sociais.

**QUINTA** — A cessão de quotas é inteiramente livre entre os sócios, bem como a sua divisão para o efeito de cessões parciais entre eles.

Em relação a estranhos a cessão só será lícita mediante prévio consentimento dos demais sócios, que poderão, querendo, preferir na cessão que lhes for comunicada.

**SEXTA** — Os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, nas condições que forem ajustadas em assembleia geral.

**SETIMA** — As assembleias gerais serão convocadas por carta registada endereçada aos sócios com antecipação não inferior a cinco dias, quando a lei não imponha, obrigatoriamente, maiores formalidades.

**OITAVA** — A sociedade poderá, nas assembleias gerais, ordinárias, deliberar livremente sobre o destino a atribuir ao lucro líquido, livre da afectação aos fundos de reserva legais.

**NONA** — Falecendo ou incapacitando-se qualquer sócio a sociedade prosseguirá com os sócios sobreviventes e com os herdeiros do falecido ou com o seu representante legal.

Os herdeiros do falecido deverão neste caso escolher um que os represente na sociedade.

**TELE-ROCHA**

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA

**BOSCH — KREFFT — ARISTON**

**RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA**

**INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS**

**CANALIZAÇÕES**

**CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00**

**CASSETES COM MÚSICA 60\$00**

**TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS**

**MÓVEIS ● ALCATIFAS**

**PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA**

**GENTIL GOMES DA COSTA**

**PROPRIEDADES  
COMPRA · VENDA**

Rua Fernandes Tomás, 664  
Telefs. 380834 · 311991 · 381032

**PORTO**



MEDIADOR AUTORIZADO

**OURIVESARIA CONFIANÇA**

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

**BOM GOSTO E SIMPATIA**

**ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS**

**OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS**

**RUA 19 N.º 307 — ESPINHO**

**MARMORES E GRANITOS**

**MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES**

**VITORINO LOPES DA CRUZ**

**TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO**

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

**PINTURARTE**

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração.

**Armando Alves Ribeiro**

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943

— **ESPINHO** —

Telefone, 921412

**Alcatifas, carpetes, tapetes nacionais,  
e estrangeiras**

**Tapetes para automóveis**

**AQUILES PINTO LOUREIRO**

Rua 22 n.º 1190-1192 — Telef.: Fab. 922171 — Resid. 921556  
**ESPINHO**



**Restaurante**

**Snack — Discoteca**

**CABANA**

**T  
E  
L.**

9 9

2 2

1 1

3 9

2 6

2 6

**SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO** especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

**Na Discoteca**

Aos domingos — **Matinée**

Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal

**DECIMA** — Dissolvendo-se a sociedade, qualquer que seja o motivo, a liquidação far-se-á pela abertura de licitação entre os sócios de todo o activo e passivo, em globo, adjudicando-se a unidade, assim considerada, àquele ou àqueles que mais oferecerem por ela.

Pago todo o passivo, o produto liqui-

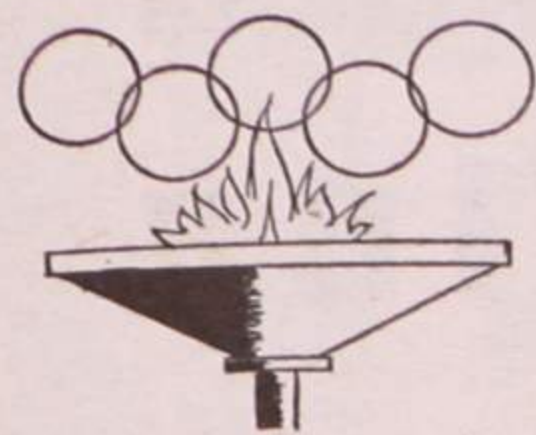
do obtido será dividido pelos sócios na proporção das suas quotas.

**Está conforme ao original.**  
Espinho e cartório notarial, 17 de Fevereiro de 1975.

O Ajudante do Cartório,

**José dos Santos Sil**





# desporto



## «Chicotada psicológica» não é do desporto!

Quando as equipas de futebol não correspondem aos anseios dos prosélitos, aventa-se logo a hipótese da famigerada «chicotada psicológica».

Repare-se, a medida, de resultados imprevisíveis, é banal no futebol, mas pouco frequente nas demais modalidades. Frise-se, os clubes, apesar de «andarem de tanga» há longuíssimos anos, de se verem sempre aflitos para equilibrarem as finanças, de olvidarem muito que há a fazer noutros sectores por carência de verbas, aderem em grande escala a tal «luxo», verdadeiramente um «cancro» do nosso futebol.

Claro, na base disto estão as mentalidades. Dos dirigentes, dos adeptos. É evidente, na causa do sistema encontram-se também os vícios inoculados no nosso futebol, modalidade de cariz popular a viver irrealmente em sumptuosidade fictícia, graças a «balões de oxigénio», «mecenato», entusiasmos de circunstância.

Não me consta que, em Inglaterra, por exemplo, onde o futebol atinge a sua maior expressão, se enverede por sistemas afins, pois nem sequer anualmente mudam de técnicos. Questão de mentalidades, da maneira como se encara o desporto, profissional ou não.

No futebol, como em todo o desporto, ganhar e perder, como também empatar, são constantes possíveis que, à priori, os que frequentam os recintos têm de aceitar, admitir. Isso, e a circunstância de que há campeões e equipas para a despromoção. Será adular a ideologia desportiva, pensar só na vitória e admitir que os nossos têm de ganhar sempre, serem os melhores, nunca passarem por transes ou por horas difíceis.

No Sporting de Espinho, andam os ânimos acesos. E já se badalou com a «chicotada». Felizmente o Presidente da Direcção, a própria Direcção, não são apologistas do sistema. Eu também não.

Isto não invalida o direito de se discordar, muitas vezes, com os processos do treinador, segundo aquilo que se vê em campo. Lembremo-nos: os treinadores de futebol não são omnipotentes, nem infalíveis. Erram, também. E, de resto, têm problemas que, muitas vezes, escapam à opinião pública, ou, inclusive, lhe são escondidos.

Portanto, que fazer? Se não é solução mandar o treinador embora, como não o é mandar logo qualquer profissional de qual-

quer coisa quando não está a render a 100 %, será indispensável corrigir-se processos, também elucidar a massa adepta das questões verdadeiramente existentes, para não enveredar por caminhos errados.

O treinador, como técnico, tem de ser o responsável. Até aí... Todavia, numa época em que, cada vez mais, os problemas são analisados, dissecados, estudados, solucionados, através de formas colectivas, julgo que seria de tentar a nível futebolístico, sobretudo em períodos menos favoráveis, o método. Uma dúzia de olhos, meia dúzia de cabeças, talvez por verem as coisas por ópticas diferentes são bem capazes de constituírem uma achega preciosa.

«Chicotada psicológica» não! É caro. É antidesportivo. É uma incógnita.

Talvez, nomear uma comissão constituída por dois dirigentes (presidente da assembleia geral e da direcção), pelo chefe do departamento de futebol, pelo «capitão» da equipa e outro futebolista (a escolher pelos colegas), por três associados (reconhecidamente idóneos e verticalmente desportistas) por um representante da imprensa (este a convidar possivelmente em sistema de rotação entre quantos analisam, dominicamente, o trabalho da equipa) para, em «mesa-redonda» com o treinador, analisarem o comportamento da equipa, apontarem as deficiências e virtudes de que aperceberam, sugerirem e escutarem as razões do técnico.

Já sei que isto é, no nosso meio futebolístico, apesar das raízes democráticas da ideia, pouco mais ou menos utópico e inviável. Contudo, perdoem-me, mais racional, lógico, desportivo, sensato, actualizado, coerente, do que a famigerada «luxuosa», inadmissível, incomportável «chicotada psicológica», «cancro» do futebol português, uma das formas de ruína para os clubes, só para se alimentar uma mentalidade desportiva defeituosa, apenas possível numa orgânica capaz de aguentar o edifício futebolístico com uma fachada pomposa e a cair de podre lá por dentro.

É indispensável findar com tal estado de coisas. Urge não admitir a caríssima «chicotada psicológica» como mezinha salvadora. Como urge criar nova mentalidade nos adeptos do desporto, para que aceitem ganhar, perder, empatar, e os campeões ou os últimos.

CARLOS SÁRRIA

## FUTEBOL

### NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

S. L. Benfica, 2 — S. C. Espinho, 0

Estádio da Luz, com uma assistência muito razoável, tarde serena e cinzenta, apitou João Gomes (Porto) e alinharam:

**BENFICA:** José Henrique; Artur, Humberto, Messias e Barros; Toni, Eusébio e Simões «cap.» (Ibraim, 68 m.); Nené, Moinhos e Diamantino.

**ESPINHO** — Arménio; Meireles «cap.», Washington, Valdemar e Ribeirinho; Acácio, Ferreira da Costa, João Carlos e Bené; Gaúcho e Malagueta (Augusto, 77 m.).

Suplentes (também): Aníbal, Simplicio, Telé e Júlio.

**GOLOS:** aos 75 m.: centro de Toni, da direita, a defesa não intercepta, NENE capta à boca da baliza, deixa bater e dispara um tirão sem hipóteses; aos 80 m.: Moinhos interna-se pela direita, quase da linha tira centro atrasado, TONI, embalado, aproveita e dispara forte, certo e sem preparação.

ESTEVE POR UM TRIZ!

Opinião de ACACIO, o médio espinhense  
Na impossibilidade duma presença

na «Luz», de novo optamos por escutar a história do encontro, pela boca de um interveniente, desta feita Acácio, que nos disse:

— Tivemos uma preparação idealizada pelo nosso treinador, sr. Fernando Calado, que concebeu um plano para adoptarmos em Lisboa. Treinamos nesse sentido, durante a semana, mesmo no «conjunto» em S. João da Madeira e, segundo nos disse o treinador na altura, o ensaio saíu a contento. Fomos para Lisboa na expectativa de, ao menos, trazeremos um ponto, tarefa sobremaneira difícil, porquanto não está ao alcance de qualquer pontuar na Luz.

Continuou o nosso interlocutor:

— O certo é que, fizemos a vida cara aos «encarnados», desenvolvendo no campo a lição estudada, começando, com o decorrer do tempo, a sentir que poderíamos conseguir os nossos objectivos, pois o Benfica via-se e desejava-se para vencer a nossa resistência. Claro, os «encarnados», poderosos fisicamente, provaram que estão excelentemente preparados e, para mim, estou convencido de que só a pressão benfiquista, alicerçada no poder físico, obstou ao empate, acabando nós por perder e fazendo o Benfica jus ao triunfo, embora nos faltasse um nadi-

## A AAE (hóquei em patins) fica no Porto, mas...

Foi, por assim dizer, avalizada a decisão tomada em Assembleia Geral (com a mudança da Sede para Gaia) da Académica de Espinho continuar vinculada ao âmbito associativo portuense no hóquei em patins.

De facto, na semana transacta, os dirigentes académicos, Arqto. Jerónimo Reis, António Gaio, Jorge Monteiro e Guy Viseu, foram recebidos pelo Secretário de Estado dos Desportos, Eng.º Luís Casanovas, na presença do Governador Civil de Aveiro, Dr. Neto Brandão.

De início, parecia determinado por aquele dirigente da hierarquia desportiva nacional, o cumprimento da célebre decisão do Dr. Valadão Chagas, quando após uma visita oficial ao Distrito de Aveiro (sem Espinho incluído) «emprenhou pelos ouvidos» na capital distrital e, paternalmente, para agradar aos senhores de lá, resolveu aniquilar o hóquei em patins (e o restante desporto espinhense) obrigando-o a filiar-se em Aveiro em 1975.

Depois, houve longo esclarecimento, durante cerca de duas horas, sendo vincado pela parte dos representantes da AAE os factos irrefutáveis e as razões inegáveis do desejo de permanecer no jugo associativo portuense, até não só na modalidade visada.

Por fim, o Secretário de Estado dos Desportos, decidiu, prorrogar o prazo da filiação da Académica no hóquei em pa-

tins portuense até 1976. Em consideração teve-se a realização do E. N. D. O., acontecimento donde se espera as directrizes da reforma das estruturas e orgânica desportivas, tornando-as realistas e actualizadas, mas ficou certo que, apesar disso, a mudança da sede social, deliberada em Assembleia Geral, se mantém.

A solução de agora adiar novamente a resolução desejada do problema, no entanto vamos confiar que se o E.N.D.O. é para repensar e reformar o desporto português, terá de encontrar, nas suas directrizes, o caminho certo que uma divisão administrativa caquética, desactualizada, verdadeiramente do «tempo da Patoleia» e nada consentânea com as realidades do quotidiano, não deixa determinar, de uma vez para sempre. Isso e também o facto da teimosia, da cegueira, da maldade, da utopia, dalguns sujeitos, desportistas de óptica à medida de interesses inconfessáveis, que se agarram a caducos «slogans», muito em voga há um ano atrás, exultando o «uno e indivisível» e quejandos, como à circunstância de, infelizmente, não existir a coragem para ultrapassar burocracias lesativas e estudar, em profundidade e colectivamente, soluções que se coadunem com o interesse expresso pelas maiorias e face ao realismo do contexto onde se inscrevem.

C. S.

## Não e não!

Mais um festival gimnodesportivo da AAE. Foi no domingo à tarde. Muito bem! Tanto pelo festival, como pelo dia escolhido.

Promoção da causa desportiva. Ocupação útil para a gente jovem. Certíssimo! É de desejar mais, muito mais vezes e fazendo-se tudo quanto for possível para que nas bancadas os espectadores sejam menos e nos recintos os praticantes em número cada vez maior.

Mas... por favor (embora compreendamos os problemas materiais) fazer segregações através da obrigatoriedade do pagamento de bilhete para ingresso, parece-me condenar, em parte, a finalidade de reuniões daquele jaez, coarctando a muita juventude a possibilidade de aderir ao desporto, onde não deve haver barreiras de qualquer espécie, demais quando hoje se bate na tecla do desporto de massas.

Até aos 10 anos: 5\$00! Depois dos 10 anos: 10\$00!

Quanto foi a receita? Valeu a pena, impedir a entrada a algumas dezenas, centenas, de jovens? Será a melhor maneira de promocionar o desporto? Será o método ideal de cativar os jovens para ele?

Sim, a questão financeira é emergente, contudo peçam-se os subsídios a quem os deve ou pode dar (e eles não são problema, por exemplo, quando uma AAE diz que praticar desporto no meio associativo aveirense é catástrofe financeira e recebe como certeza que isso se resolve a contento, já que o Clube é imprescindível(?) na dinamização hoquista do distrito), já que tardes desportivas deste jaez se inserem na ideia da massificação desportiva que se pretende levar ávante.

Mas a pagar? Não e não!

C. S.

## VOLEIBOL

SENIORES:

Desportivo da Póvoa, 3-A.A.E., 2 (2.ª divisão nacional)

Vilar do Andorinho, 3-A.A.E., 2 (jogos de passagem — 2.ª mão)

AAE — Adriano, Monteiro, Aragão, Melo, Fausto, Beto, Figueiredo e Matos.

FEMININO:

Esmoriz 3-A.A.E., 0 («nacional» da 2.ª divisão)

AAE — Dina, Fernanda, Lourdes, Amélia, Tucha, Paula e Mira.

JUVENIS:

Leixões, 1-A.A.E., 3 («regional»)

AAE — Serrano, A. Pinto, Paulino, Paupério, Lacerda, Baptista, Chico Bara e C. Rui.

INICIADOS:

Porto, 1-A.A.E., 3 («regional»)

AAE — Maltez, Jorge, Fidalgo, Lacerda, Toni, Rogério, Orlando, António Manuel, Sárria, Betinho, Ricardo e Rui Almeida.

## ANDEBOL DE SETE

Sp, de Braga, 13-S.C.E., 18

(«nacional», seniores, 2.ª divisão-z.norte)

DARIO CAPELA

nha de sorte para um resultado lindíssimo e formidável para as nossas aspirações.

E mais adiante:

— Exibição muitíssimo positiva da equipa, valendo pelo colectivismo, inextinguível de brio e querer, interpretando-se um plano tático a preceito e demonstrando-se boa presença física, como as potencialidades duma equipa que não merece a posição que ocupa. Esteve por um triz a sensação, aconteceu futebol, subimos replicar ao maior poderio do Benfica, fechando-nos bem, ripostando sempre que possível, sem nos atemorizarmos com nada.

Terminou assim Acácio:

— Resultado moralizador, exibição também, dando-nos com a certeza de que, jogando assim, amanhã contra a CUF vamos certos de obter um resultado bem capaz de servir os nossos intentos, pois somos uma equipa com valor, com conteúdo individual e colectivo para nos mantermos entre os grandes e, portanto, apesar da situação intranquila, da sofregulhão de ganhar que nos enerva e tira, por vezes, clareza, talvez ainda seja possível safarmo-nos, se repetirmos o jogo da Luz, que foi um tónico e alento preciosos nesta altura.

C. S.



## PLANO ECONÓMICO DE EMERGÊNCIA OU DE CONTINGÊNCIA?

A publicação do Plano Económico veio finalmente satisfazer a curiosidade e a ansiedade de muitos portugueses que esperavam as medidas que seriam tomadas pelo Governo Provisório face à situação periclitante da nossa economia.

A primeira nota que ressalta no Plano é a estratégia antimonopolista e antilatifundista. Assim o prova o controlo efectuado pelo Estado, através da participação maioritária, dos sectores básicos da produção e dos recursos naturais e da expropriação, mediante indemnização, dos grandes latifúndios. Insere-se também nesta política a regulamentação sobre a concentração de capitais. É de notar ainda, toda uma série de medidas que vão defender as grandes camadas sociais, desfavorecidas, da população, através da criação de subsídios de desemprego, de investimentos, em zonas de desemprego, do auxílio às pequenas e médias empresas e do combate à inflação que atinge impiedosamente essas camadas.

No sector financeiro o Plano Económico adoptou também resoluções importantes que, apesar de não irem à nacionalização da banca privada, retomam a maioria do capital do Crédito Predial Português e impõem uma fiscalização severa às actividades do sector financeiro privado.

Além disto há a destacar toda uma série de medidas a tomar nestes próximos 3 meses e que se incluem numa política de austeridade, tão necessária nesta grave crise económica que Portugal atravessa, inserida na crise do mundo capitalista.

Este Plano Económico constitui um factor decisivo na evolução da Democracia Portuguesa. Efectivamente, só através da planificação da economia, conceito inexistente até agora entre nós, se pode processar a luta contra o monopolismo e o capitalismo assente em sólidas bases. Assim se tivermos bem presente o carácter social imediato da produção e do trabalho, entramos em consideração com uma forma directa da relação económica planificada que só poderá funcionar através da organização de sucessivos planos económicos. É evidente que apesar da base da organização político-social ser a relação económica, só a evolução actual do processo político nos poderá dizer como

se vai processar toda a evolução das relações de produção. De qualquer modo, a hora é de opção e temos de solucionar o problema da relação entre as formas centralizadas de gestão da economia e a autonomia económica dos seus diversos elementos, empresas, grupos de empresas, etc., que só na base dos princípios fundamentais do modo de produção socialista poderá ser resolvido.

As medidas a tomar contra a estagnação, que tendem a fazer os monopólios do progresso técnico-social, devem-se apoiar na planificação centralizada do Estado que visará o estabelecimento do macroequilíbrio nacional, isto é, dos processos macroeconómicos, processos que abrangem o conjunto da economia do país. Só as acções e interações planificadas podem criar condições de utilização activa para obter os melhores resultados no domínio do progresso económico.

A reforma económica deve assentar essencialmente no monopólio da sociedade sobre os factores materiais de produção, o que constitui fundamento de toda a direcção planificada da cooperação, à escala de toda a sociedade, da realização das suas aspirações a uma nova igualdade social.

A apropriação por toda a sociedade do superproduto como manifestação directa do resultado económico do monopólio da sociedade sobre os meios de produção, impede que o supertrabalho constitua a condição indispensável da produção de riquezas de outros. A planificação da economia, na base do monopólio da sociedade, poderá constituir uma solução para o nosso problema. Tudo depende, como já referi atrás, da evolução do processo político integrada na própria evolução histórica que ditará as condições necessárias para a realização da mudança ou mudanças sociais que poderão terminar com a expolração do homem pelo homem.

A regressão que pretende efectuar o Plano Económico dum capitalismo monopolista para um capitalismo de livre concorrência talvez não seja o suficiente para modificar estruturas sócio-económicas mas pelo menos constitui já uma tentativa importante no âmbito da luta antimonopolista.

J. M.

## GAZETILHA

### Povo

*Povo! Heróico nome colectivo  
Dos indivíduos todos dum país,  
Com seus usos, de suas leis cativo,  
Nado e criado de comum raiz!*

*Assim, é que eu sou povo e tu és povo,  
Um nome igual — mas não somos iguais,  
Que entre nós surge, às vezes, «virus» novo,  
A envenenar as relações normais.*

*Há quem tente agitar surto de dúvidas,  
Já arrumadas, em nós, como certeza:  
Injustas ambições marchando, túrgidas,  
Ao assalto de insólitas torpezas.*

*E entretanto — quem move os maquinismos,  
Semeia e ceifa o trigo — que não come,  
Gera riquezas aos capitalismos...  
Só para ao espectro se furtar da fome?!*

*Deixa de ser amálgama confusa  
D'ideias, sentimentos e querer!  
Procura a força em ti, que te conduza  
Às virtudes que existem no teu ser!*

*Ouve, Povo! Não queiras ser carrasco  
De ti próprio! Vê que somos irmãos!  
Várias ideias, sim! — Mas nunca o asco  
De nos estrangular... por nossas mãos!*

Alberto Barbosa (BEKA)

## FIM DE SEMANA • 92

Pela voz do Chefe do Estado foi comunicado ao país que as eleições para a Assembleia Constituinte terão lugar no próximo dia 12 de Abril.

Assim se afirmou o MFA no estrito propósito de fazer cumprir o seu programa (eleições para a Assembleia Constituinte dentro de um ano a contar de 25 de Abril de 74); assim se põe termo às especulações sobre uma alteração a este ponto do programa no sentido de uma prorrogação desse prazo; assim se põe termo às atoardas de um protelamento indefinido dessas eleições, o que equivaleria à instauração de uma ditadura militar.

Pode duvidar-se da oportunidade das eleições pela impreparação política do povo que votará conforme os partidos políticos candidatos soberem manobrá-lo; dessa incultura política dá plena consciência o Chefe do Estado nessa comunicação; mas do que não há dúvida é de que o processo eleitoral teria mesmo de vir a

desencadear-se; e o MFA para completa definição da sua orientação, para o seu prestígio, para o prestígio internacional do país, tinha que fazer cumprir esse ponto do seu programa.

Que o resultado das eleições poderá não corresponder às reais necessidades do país, poderá não conduzir à melhor solução — é preocupação geral, de que já aqui nos demos conta. Mas, como acentuou o Chefe do Estado, essa é a consequência lógica da incultura política em que o povo foi mantido durante quase cinco décadas.

Cremos, aliás, que essa falta de preparação política total ou quase total, se encontrará no interior e nos meios rurais, onde será fácil conduzir o eleitorado por quem melhor o conhecer e lhe souber falar; já nas regiões densamente urbanas e industriais essa falta de preparação não é tão acentuada nem tão temível; não há, evidentemente, uma preparação sofrível.

Que preparação política perfeita, cremos bem que nem nas camadas ditas intelectuais ela é completa na sua maior parte.

Por outro lado, há que correr o risco de um resultado errado nestas primeiras eleições; o próprio tempo se encarregará de permitir um cada vez melhor esclarecimento do povo, para que, quando chamado a futuras eleições, possa progressi-

vamente confiar-se na expressão do seu voto.

A hora, pois é de profunda reflexão sobre o que queremos; não é de discussão estéril, de alarmismos, de acreditar em tudo o que se ouve.

É de raciocinar sobre o que os responsáveis políticos nos dizem e só acreditar no que se vê.

A hora é, também, de os partidos políticos se mostrarem tais como são, sem se revestirem de trajos de conveniência para ganhar eleitorado. É de esperar da honestidade de todos e cada um que se mostrem como são. Que não esqueçam que os desvios aos seus primitivos programas pode, para os lúcidos e capazes, alienar-lhes clientela.

E a hora é de mais alguma coisa.

Vai em breves dias abrir a campanha eleitoral.

Pois que cada partido faça a sua propaganda honestamente, defendendo os seus princípios, procurando convencer pela

palavra e pelo exemplo da sua sinceridade e de suas convicções nas afirmações políticas e profissões de fé que produzam.

Que deixem os ataques pessoais; óbvio é que, para defenderem os seus pontos de vista, terão de atacar os de outros partidos. Mas que o façam com a devida dignidade e elevação.

Que deixem os processos tortuosos de angariar eleitorado; que abandonem os golpes baixos, a manobra súcia; que sejam mais leais.

Parece que se presente já uma turbulência no seio dos partidos, um afinar de ataques e manobras — que nada prejudica de democrático nem de prestigioso.

Para nós, e nestas crónicas, até às eleições, acabaram-se quaisquer referências que possam ter-se por críticas ou laudatórias a qualquer corrente política.

18-2-1975.

VASCO LUIS

**LÊ E ASSINA  
A «DEFESA»**

Camara Municipal do Espinho  
Rua -17  
ESPINHO

SEMANÁRIO  
AVENÇADO